

Leslie Allen, Lamentações, Sessão 5, Lamentação 2: 1-22

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 5, Lamentações 2:1-22.

Neste vídeo deveríamos estar olhando todo o capítulo 2 e seria bom fazer uma rápida análise de suas diversas partes e ver quem está falando.

Durante grande parte do capítulo, nosso orador principal no capítulo 1, ou nosso mentor, continua a falar e substitui Sião, que está falando no final do capítulo 1. Mas aqui, nos versículos 1 a 10, nosso mentor está falando sobre Jerusalém e Judá a respeito do que Deus lhes fez na recente tragédia da queda de Jerusalém e Judá. E então, nos versículos 11 a 19, o mentor está agora falando com Sião sobre a tragédia, e Sião é abordado. E no final dessa seção, nos versículos 18 e 19, o mentor exorta Sião a orar.

E finalmente, nos versículos 20 a 22, Sião ora. Examinando o capítulo 2 como um todo, notamos que ele tem uma estrutura literária, e é o tema do dia do Senhor que já encontramos no final do capítulo 1. O versículo 1 fala do dia da sua ira, e depois o versículo 22 o dia da ira do Senhor. E então há esta estrutura literária, e há este apelo aos profetas pré-exílicos como uma interpretação básica da tragédia da Judá e de Jerusalém caídas.

E então, como gênero, os versículos 1 a 10 são obviamente um lamento fúnebre. Começa com aquele grito que grita aquela reação emocional antes de passar para formas mais racionais de pensar. E essa forma racional de pensar fala em termos de luto como perda, como uma inversão entre a normalidade de Jerusalém no passado e a série de anormalidades que Jerusalém tinha experimentado.

Mas, como vimos antes, não se trata de um lamento fúnebre convencional; não é puramente secular, mas inclui Deus e, de fato, se concentra no envolvimento de Deus. E assim, é uma adaptação de um lamento fúnebre. Mas, essencialmente, consiste no luto como a descrição das perdas que Jerusalém sofreu como resultado da intervenção de Deus.

Então podemos pensar em termos de processos de luto, os processos psicológicos pelos quais estamos passando aqui. E antes de tudo é o próprio luto no sentido mais restrito de reação à perda. E especialmente nos capítulos 1 a 10 há uma reflexão sobre o significado da tragédia, sobre o fator teológico que é fortemente enfatizado de que Yahweh é o responsável.

Terceiro, há uma resposta de comportamento de luto mencionada no final do versículo 5 e também apresentada no versículo 10. Esse último fator nos ajuda a dividir os versículos 1 a 10 em duas seções: 1 a 5 e depois 6 a 10. 1 a 5 apresenta o desastre que Yahweh causou, terminando no final do versículo 5 na angústia que causou.

E então 6 retoma mais uma vez o desastre que Yahweh causou, e o versículo 10, a angústia que isso causou. As trajetórias envolvidas são obviamente de luto em termos de perda e culpa implícita, pois Jerusalém e Judá são vítimas do castigo de Deus. No versículo 1, o orador principal retoma o tema do dia do Senhor com o qual Sião abriu seu primeiro discurso no capítulo 1 e versículo 12.

E assim, ele assume a explicação profética desta tragédia. A maior parte do conteúdo da profecia pré-exílica era negativa, falando sobre o julgamento vindouro de Deus. E um motivo usado para descrevê-lo foi o dia do Senhor, o momento em que Deus interviria em uma terrível represália por seu povo ter pecado contra ele.

No capítulo 1, versículo 12, a ira foi associada à ira de Deus no dia de sua ira feroz. O mentor retoma essa ligação da raiva com o dia novamente no final do versículo 1, no dia da sua raiva. E a raiva, descobriremos, é uma característica.

Ele vem repetidamente, literalmente ou com sinônimos. Sinônimos. Encontramos ira no versículo 2. Encontramos raiva feroz no versículo 3. E assim por diante.

Encontramos fúria como fogo no versículo 4 e indignação feroz no versículo 6. E então é uma característica essa abertura desse aspecto da raiva, e precisaremos pensar sobre isso. Vimos que o dia do Senhor ocorreu muito, ocorre, definitivamente ocorre nos profetas pré-exílicos. Não me lembro se nos referimos à sua ligação com a raiva em Sofonias. O profeta Sofonias associa aquele dia do Senhor à ira.

Sim, eu falei sobre isso, Sofonias 1:14, o grande dia do Senhor está próximo e o versículo 15 diz que esse dia será um dia de ira. E assim, em todo este tratamento, estamos de volta aos profetas pré-exílicos, e a afirmação feita aqui é que a profecia foi cumprida. E assim, a raiva domina aquela primeira seção.

Vamos pensar na ira de Deus. Não pensamos muito nisso. A raiva divina, se pensarmos sobre isso, nós a contrastamos com o amor de Deus e estamos certos em fazer isso porque a própria Escritura faz isso.

Pensamos em João capítulo 3, e há três, e há dois versículos importantes para nossa consideração. João 3.16, Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu único filho para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Mas João 3.36 nos dá um lado sombrio dessa promessa.

Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem desobedece ao Filho não verá a vida, mas deverá suportar a ira de Deus. E aí estamos nós, o amor contra a ira. Parece que nunca ouvimos sermões sobre a ira de Deus hoje em dia, mas ouvimos muitos sobre o amor de Deus. A Bíblia é mais equilibrada do que isso.

Existe esse par de termos, termos polarizados, amor ou raiva. Sim, eles estão polarizados, são paralelos em certo sentido, mas são radicalmente diferentes, não apenas como negativos e positivos, mas em outros aspectos. O amor é um atributo regular de Deus, a raiva não.

A raiva é uma reação a uma provocação humana. Se não houvesse provocação humana, Deus nunca ficaria irado. A ira divina é a reação moral de Deus às transgressões humanas em nome da justiça.

Não é um fator inicial e é um fator reativo. Em nosso primeiro vídeo, fizemos referência à descrição da queda de Jerusalém em 2 Reis 25, e vimos que era em grande parte um relato histórico, mas sim, são 24 e 25. No final do versículo 24, há um relato teológico. elemento trazido apenas de passagem, mas é tão importante; é algo que os editores deixaram claro anteriormente nesta história épica.

2 Reis 24 20, Jerusalém e Judá irritaram tanto o Senhor que ele os expulsou de sua presença, e assim a queda de Jerusalém é um exemplo da ira de Deus. E nosso mentor aqui concordaria que é assim. Há outra palavra-chave em Lamentações 2, aquela primeira parte, e é *destroy*, *destroy*.

Este também é um termo negativo que acompanha muito a raiva, mas aqui está a manifestação da raiva. No versículo 2, o Senhor destruiu, e no versículo 5, ele foi destruído. Encontramos isso duas vezes e mais tarde no versículo 8, destruindo.

E então aqui está o resultado dessa raiva na destruição, na verdade. Uma característica marcante dos versículos 1 a 7 é que Deus é um sujeito. Deus é apresentado de forma negativa.

Na maioria dessas sentenças eles têm Deus como sujeito como verbo de destruição e parte de Jerusalém ou Judá é o objeto dessa destruição. E isso não é um acidente, está relacionado com algo que encontramos nos profetas pré-exílicos. Refiro-me aqui a um modo de falar que os profetas têm, que é o que chamamos de oráculo de desastre ou oráculo de julgamento.

Isso tem duas partes componentes ou até três, e começa apresentando uma razão. Por que Deus deveria punir seu povo ou a capital? Há uma razão dada, e depois há um anúncio, e a segunda metade das duas seções fala da intervenção divina de forma negativa. Deus está fazendo algo e eu farei algo. Faça algo ruim e então isso falará de consequências humanas.

Repetidamente, encontramos esta fórmula de um oráculo de desastre sendo usada continuamente. E vou ler apenas um exemplo, Amós capítulo 2, versículos 4 e 5. Assim diz o Senhor, por três transgressões de Judá e por quatro, não revogarei o castigo porque eles rejeitaram a lei do Senhor e não mantiveram os seus estatutos, mas foram desencaminhados pelas mesmas mentiras que seguiram os seus antepassados. Essa é a razão.

Mas agora chegamos ao anúncio. Primeiro, há a intervenção divina e depois há as consequências humanas. Por isso enviarei fogo a Judá, e ele consumirá as fortalezas de Jerusalém.

E esse elemento nesse padrão profético, enviarei um fogo sobre Judá, isso é o que está sendo captado em Lamentações, capítulo 2, nestes primeiros versículos, com a única mudança de que é um relato da intervenção de Deus, e então, em vez de eu, é ele, o próprio Senhor, é responsável na terceira pessoa. E então, Lamentações está aqui novamente, tirando uma folha dos livros proféticos, e está associando esse estilo de falar aos oráculos proféticos de desastre. E então este é mais um endosso da revelação profética.

Esses oráculos de desastre com aquela intervenção negativa, intervenção pessoal de Deus. Aconteceu. Aqui está.

E infelizmente isso se tornou realidade. Muitas vezes, é necessário olhar para o pano de fundo por trás de Lamentações para interpretá-lo corretamente. Muitas coisas em Lamentações têm um contexto cultural que precisamos apreciar.

Então, agora podemos entender o tom do que o mentor está dizendo. Ele está recomendando à congregação a sua interpretação da guerra perdida contra a Babilônia de uma forma teológica em termos da intervenção do próprio Deus nesta situação nacional. E assim temos no versículo um uma referência a Jerusalém falando sobre Sião.

Mas a maior parte da primeira parte fala sobre Judá nos versículos um a cinco, além do versículo um. Mas então, em seis a dez ele quer falar sobre Jerusalém e então há uma diferenciação. Mas ele começa com Sião.

Como o Senhor, em sua ira, humilhou a filha Sião. Alguma incerteza sobre essa tradução, mas não entraremos no assunto desse verbo. Filha Sião.

Mais uma vez, Sião é personificada como uma mulher. Ele derrubou do céu à terra o esplendor de Israel. Ele não se lembrou do escabelo de seus pés no dia da sua ira.

O esplendor de Israel e o escabelo que interpreto aqui como metáforas para Sião, em vista da menção anterior à filha Sião. O esplendor de Jerusalém é que ela era o centro glorioso de Israel e o ponto focal de importância em Judá e era o seu escabelo. Principalmente a arca era considerada o escabelo de Deus.

A imagem da presença de Deus, a presença religiosa de Deus. Mas agora isso se aplica à cidade. O próprio Deus esteve presente naquela cidade.

Mas ele não se lembra do escabelo. Isso não significa que não esteja falando de memória decorrida aqui. Mas está falando em ignorar, tirar da cabeça toda aquela situação desse papel especial de Jerusalém e agir de uma forma bem diferente.

No versículo 2, o Senhor destruiu sem misericórdia todas as habitações de Jacó. Isto parece terrível, mas temos que lembrar, na verdade, que é um eco do discurso profético pré-exílico. Isso sem piedade, sem dó.

Ocorre várias vezes nos profetas pré-exílicos. Por exemplo, em Isaías capítulo 30 e versículo 14, temos a palavra cruelmente na NRSV, mas estritamente é sem piedade ou sem piedade. E esta é uma expressão do capítulo 2, que ocorre várias vezes.

Isso ocorrerá novamente no versículo 17. Então, é outra dessas palavras-chave. No versículo 17, ele é demolido sem piedade.

Infelizmente, a NRSV agora varia sua tradução, mas é a mesma expressão de sem piedade no início. E então no versículo 21, sem piedade. A NVI traduz sem piedade essas três expressões.

E assim, isso também foi tirado da profecia profética. Então, de vários ângulos, está sendo dito que a profecia foi cumprida diante de seus olhos. Está falando agora de Judá, as habitações de Jacó foram destruídas.

As fortalezas da filha de Judá são as fortalezas defensivas nas fronteiras de Judá. E então ele é derrubado em desonra ao reino e aos seus governantes. Aquela nação real governada por um rei durante tantos séculos já pereceu.

No versículo 3, ele é abatido com raiva feroz, todo o poder de Israel. Literalmente é a buzina e a NVI mantém essa tradução literal, mas o que isso significaria para o leitor, não tenho certeza. Mas a buzina é uma metáfora.

É tirado do boi selvagem, que lutaria contra seu inimigo, outro boi selvagem. E quando derrubasse o inimigo, ergueria a buzina e berraria. E esse levantar da buzina é o seu poder triunfante.

Mais adiante neste capítulo, descobriremos que essa noção foi retomada quando finalmente chegarmos a ela. Sim, no versículo 17, ele exaltou o poder dos seus inimigos. Literalmente, ele levantou, ergueu o chifre de seus inimigos como bois selvagens.

Ah, nós vencemos, nós vencemos. E Deus foi responsável por esse levantamento metafórico do chifre. E então encontramos Deus mais intimamente, mais pessoalmente envolvido, pode-se dizer, no versículo 4, que ele preparou seu arco como uma flecha e sua mão direita está posicionada como um inimigo.

Ele está morto. Ele é um arqueiro aqui. Ele matou todos aqueles de quem tínhamos orgulho na tenda da filha Sião, todos os nossos líderes, religiosos e políticos, e todos eles estão mortos. Ele derramou sua fúria como fogo.

O Senhor se tornou como um inimigo. Ele destruiu Israel, destruiu todos os seus palácios. Já voltamos, tínhamos aquela tenda da filha Sião, é a cidade.

Voltamos a falar de Sião, mas agora o tema principal de Judá volta em 5. Destruiu Israel, destruiu todos os seus palácios. Pensamos em palácios como uma palavra real, Palácio de Buckingham, mas mansões melhor representadas, que os ricos construíram para si próprios, grandes estruturas, estruturas bem defendidas, das quais Judá estava cheia - e deitaram em ruínas as suas fortalezas, multiplicadas na filha Judá. luto e lamentação.

Essa referência ao comportamento de luto encerra esta primeira pequena seção de 1 a 5, esta resposta de luto. Então começamos de novo, mas aqui estamos nos concentrando apenas em Sião das 6 às 9. Ele quebrou sua barraca como um jardim. A barraca e depois o tabernáculo na próxima meia linha são referências arcaicas ao templo.

E aqui, ele quebrou seu estande como se fosse um jardim, não faz muito sentido. É realmente uma espécie de expressão abreviada, como uma barraca de jardim, como uma barraca no jardim, como uma estrutura frágil que você pode encontrar em um jardim. Ele quebrou tudo; aquela sólida estrutura do templo destruiu seu templo.

O Senhor foi abolido em Sião, nas festas e no sábado. E então aqui está realmente uma perda daquele culto religioso que foi mantido por tanto tempo, por tantos séculos. E em sua indignação feroz é rejeitado, rei e sacerdote.

Ainda temos em mente os serviços religiosos e o rei às vezes participava, tinha um papel a desempenhar nos serviços religiosos. E é por isso que ele é mencionado junto com o padre. E continuamos com esta forma religiosa de pensar no versículo 7. O Senhor desprezou o seu altar e renegou o seu santuário.

Ele é entregue nas mãos do inimigo, nas paredes de seus palácios. Estas grandes mansões não foram apenas espalhadas por Judá, mas também uma característica de Jerusalém. Um clamor levantou-se na casa do Senhor, como num dia de festa.

Há uma amarga ironia nisso porque o templo seria um lugar barulhento na época do templo, quando os cultos estavam acontecendo. Os coros do templo estariam cantando e a congregação gritaria respostas de aleluias, mas agora está transformado. Mas ainda há um barulho, mas agora é um barulho terrível, os gritos estridentes das tropas inimigas.

E então, há um contraste e uma comparação irônicos aqui no final. E então, no versículo 8, o Senhor determinou destruir o muro da filha Sião. E isso é algo que o versículo 17 irá desenvolver ainda mais.

Quando chegamos ao versículo 17, podemos olhar para o versículo 8 e ver que esta determinação é o plano de Deus, o planejamento de Deus, a obra deliberada de Deus que ele já havia anunciado ao seu povo. Vamos esperar e ver essa interpretação no versículo 17. Ele estendeu a linha.

Ele não impediu sua mão de destruir. Estender a linha é aqui uma metáfora para delimitar propriedades condenadas que tiveram de ser demolidas. E várias vezes no Antigo Testamento, é usado.

E Deus estabeleceu esse marcador, aquela fita amarela que poderíamos dizer, e então, além deste ponto, a destruição acontecerá. E no versículo 8, temos uma repetição disso, uma daquelas palavras-chave dos versículos 1 a 5. Ele chama a muralha e o muro para lamentar, e eles definham juntos. Muralha, a parede externa e depois a parede interna mais sólida.

E todos eles caíram. As paredes foram demolidas. E assim os babilônios poderiam surgir no final daquele cerco de 18 meses.

E falando sobre esse desastre, seus portões afundaram no chão. Ele arruinou e quebrou suas barras. Normalmente havia barras nos dois portões, mas agora aquela barra havia sido destruída.

E assim, o portão poderia ser aberto à força. Seu rei e seus príncipes estão entre as nações. Outra grande perda foi que eles foram exilados junto com outros judeus.

A orientação não existe mais. Aqui na última parte do versículo 9, estamos falando sobre a perda de liderança. O rei e os príncipes, os oficiais reais, não estão mais em Jerusalém.

A orientação não existe mais. É literalmente a Torá, mas no sentido de instrução, instrução que os sacerdotes tenderiam a dar. E assim, não há instrução sacerdotal porque os padres não estão mais por perto.

E por último, os profetas não obtiveram nenhuma visão do Senhor. Não há nenhuma revelação profética nova. E assim, há uma perda de liderança, três tipos de liderança não existem mais.

E então, no versículo 10, voltamos ao comportamento de luto de angústia em reação a tal desastre. Os élderes da Filha Sião sentam-se no chão em silêncio. Eles jogaram poeira na cabeça.

Eles vestiram um pano de saco, muito parecido com os edredons de Jó no final do capítulo dois de Jó, que lemos em nosso primeiro vídeo. Estas são atividades de luto. Envolvidos estão os mais velhos e também as jovens da idade e do sexo de Jerusalém, que estão unidos numa dor comum.

As jovens de Jerusalém inclinaram a cabeça até o chão. E esta associação com a terra faz parte do luto no mundo antigo. No versículo 11, temos a resposta do próprio mentor.

No versículo 10, ele falou das respostas de outras pessoas em Jerusalém, e agora ele dá a sua própria resposta. E está em lágrimas, em termos de lágrimas. Meus olhos estão cansados de chorar.

Meu estômago se revira. Existe essa reação psicossomática. Minha bile é derramada no chão.

Eu vomito. Estou tão chateado por causa da destruição do meu povo. E aqui está a empatia deste mentor.

Ele é um concidadão daqueles que foram destruídos literalmente e daqueles que foram deixados. Em seguida, ele dá um exemplo do que o machucou, principalmente bebês e bebês desmaiando nas ruas da cidade. E ele pensa naquela situação de cerco.

E os adultos poderiam viver mais. Seus corpos eram mais desenvolvidos, mas jovens, bebês e bebês não tinham resistência para lidar com a fome e as privações necessárias. E então, ele pensa nisso como uma coisa horrível, o sofrimento dessas crianças e bebês e a falta de comida para lhes dar.

E isso é falado mais adiante no versículo 12. Eles choraram para suas mães. Tudo isso deveria estar no passado porque a situação de lamentações é depois do cerco, depois da captura de Jerusalém, mas é uma retrospectiva daquela situação de cerco.

Eles choraram para suas mães, onde estão o pão e o vinho? Enquanto desmaiam como os feridos nas ruas da cidade enquanto a sua vida é derramada no seio da mãe. Onde está o pão e o vinho? Poderíamos dizer onde está o pão e a água, mas o abastecimento de água acabou. E tudo que você poderia procurar é o que estava no armário.

Bem, o que sobrou? Bem, espero que haja algum vinho lá para eles beberem. Pode haver alguns; são literalmente grãos, grãos e o pão apodrece depois de um tempo, mas grãos, onde estão os grãos e o vinho? Esse é o sentido literal. E seus itens de armazenamento ainda podem ser deixados neste ambiente faminto.

E eles desmaiam como os feridos. Os feridos são vítimas de guerra, soldados em combate, mas estes são danos colaterais que estas crianças sofrem nesta suposta cidade. E tudo o que as mães podem fazer é segurá-los com força nos braços enquanto morrem.

E assim, nos versículos 13 a 17, o mentor volta-se para falar com Sião. Agora ele falou de Sião, de Judá, mas agora ele fala de Sião. Ele se vira para a mulher ao seu lado e fala com ela naquela liturgia.

O que posso dizer para você? O que compara você? A que te compara, ó filha de Jerusalém? A que posso comparar-te para te consolar, ó virgem filha de Sião? Por mais vasto que seja o mar a sua ruína, quem poderá curá-lo? E ele está sobrecarregado. Ele diz como está oprimido por toda essa tragédia. Ele fala como a própria Sião em 1:12, onde ela falou da singularidade de sua tristeza.

Existe alguma tristeza como a minha que é trazida sobre mim? E ele capta essa nota de singularidade que não consegue descrever. Ele não pode compará-lo adequadamente com nada de seu conhecimento. É tão ruim e tão extremo.

E ele diz, por tão vasta como o mar é a sua ruína, quem pode curá-lo? E ele fala da natureza avassaladora do desastre. É como o oceano. É como o Mar Mediterrâneo.

É grande demais para ele pensar. Mas há um fator extra no pensamento hebraico porque o mar é frequentemente usado metaforicamente. E falava de caos.

É um símbolo do caos. E isso é retomado em Apocalipse, no início do capítulo um de Apocalipse. O mar não existe mais e é o fim do caos nos assuntos humanos.

E assim, o mar tem mais coisas do que pensamos. É uma situação caótica, totalmente caótica, que está além da cura, além de ajudar e superar.

E então há uma questão de culpa. Mas agora é uma culpa especializada. Seus profetas tiveram visões falsas e enganosas para vocês.

Eles não expuseram a sua iniquidade para restaurar a sua sorte, mas viram oráculos para vocês que são falsos e enganosos. Vários profetas pré-exílicos referem-se a outro tipo de profeta de que Jerusalém gostava. Ah, sim, seus profetas, os profetas que você gosta de ouvir.

Você não gosta de nos ouvir falando sobre destruição, mas os outros tipos de profetas falaram de paz e segurança. Não se preocupe. E às vezes os chamamos de profetas shalom.

Tudo vai ficar bem. Deus está do nosso lado. Você não acredita? Apenas confie em Deus.

Tudo ficará bem. E nunca se falou em arrependimento. Não há necessidade desses profetas falarem de arrependimento.

Não importava se o pecado não entrasse no seu horizonte profético. E então, eles trouxeram a mensagem errada. E foram eles que Sião ouviu.

Foram eles. E Jeremias especialmente tem uma longa seção de oráculos contra esses profetas. E assim, são eles que estão na base da culpa, aumentam a causa e aumentam a culpa em grande parte porque não foram ajudados por esta chamada revelação profética, que não era realmente de Deus.

Não expôs a sua iniquidade como os verdadeiros profetas fizeram. E então, esse foi um dos motivos da ruína. Isso fala da culpa pela trajetória, que vem depois do luto pela trajetória.

Mas então houve uma segunda causa, um sofrimento secundário de humilhação. E vem no versículo 15. Todos os que passam pelo caminho batem palmas para você.

Eles sibilam e balançam a cabeça na porta de Jerusalém. E voltamos agora ao que Sião tinha falado, esta forma de falar das passagens por uma cidade em ruínas lá no ano 112. E o mentor retoma.

E aqui ele fala do ridículo deles e desse assobio, balançando a cabeça e batendo palmas. Gestos significam coisas diferentes em culturas diferentes. E obviamente, neste contexto, refere-se à zombaria e ao ridículo, ao riso de Jerusalém.

E então aqui está esse fator secundário. O desastre se tornou um estigma do qual as pessoas riem. E isso esfrega sal nas feridas de Sião e torna-as mais difíceis de suportar.

E então, no versículo 15, no final, esta é a cidade que foi chamada de perfeição de beleza, a alegria de toda a terra? Esta é uma expectativa que não foi cumprida. Esta é a teologia de Sião. E parte disso é uma citação de um cântico de Sião, a alegria de toda a terra, no Salmo 48.

E no versículo dois fala do Monte Sião como a alegria de toda a terra. E esse pode muito bem ter sido um texto ao qual os profetas Shalom se referiram. E esta perfeição de beleza vem em um Salmo adjacente, não um cântico de Sião, mas é um tema de cântico de Sião.

Salmo 50, no versículo dois, Sião é chamada de perfeição da beleza, perfeição da beleza. Sim, esta é a cidade de Deus. Esta é uma cidade na qual Deus se deleita.

Mas toda essa teologia de Sião, essa expectativa, que tenho certeza que os falsos profetas abraçaram, provou estar errada. E esta é uma expectativa que não se concretizou. E muitas vezes o luto envolve a renúncia a expectativas das quais dependíamos e tivemos que aprender a viver sem elas.

E essa nota de ridículo continua no versículo 16. Com licença, preciso atender, não, estou bem. Eu tenho o relógio aí.

No versículo 16, há uma continuação desse ridículo e humilhação. Todos os seus inimigos abrem a boca contra você. Eles sibilam, rangem os dentes, choram, nós a devoramos.

Ah, este é o dia que desejamos. Finalmente, nós vimos isso. E estes são os inimigos destruidores agora.

E estes são os conquistadores. Eles se juntam a esta humilhação e ridículo, a este tipo secundário de sofrimento, como conquistadores. E eles acham que é tudo o que estão fazendo.

E a referência deles ao dia, este é o dia que almejamos. Ah, bem, o mentor e Sião têm falado sobre o dia do Senhor. Pensávamos que era Deus.

Oh, somos nós, dizem os conquistadores. É o nosso dia, o nosso grande dia que planejamos. E nós somos responsáveis.

E então, há essa autocongratulação. Missão cumprida. Este é o dia que ansiamos.

Finalmente, nós vimos isso. Demorou muito para chegar, mas conseguimos, tropas, conseguimos. E então, esta é a reação deles.

Mas então o versículo 17 esclarece as coisas. O Senhor fez o que propôs. Ele cumpriu sua ameaça como havia ordenado há muito tempo.

E o que isto quer dizer é a verdade tal como o mentor a viu. Que o verdadeiro dia foi o dia do Senhor. E esse propósito, essa ameaça, remete aos profetas e ao dia que o Senhor mencionou ali.

E é como ele ordenou há muito tempo, desde meados do século VIII, que houve testemunhas proféticas da destruição vindoura tanto do reino do norte como do reino do sul. E agora isso aconteceu. E então, esta é uma referência à revelação profética passada aqui.

Ele é demolido sem piedade, sem piedade. Mais uma vez, aquela frase-chave retirada dos profetas sendo expressa aqui. Ele fez o inimigo se alegrar por você.

Deus está por trás disso. O inimigo está feliz por você, mas atrás dele está Yahweh como a causa do desastre. E ele exaltou o poder de seus inimigos.

Ele ergueu a trombeta de seus inimigos. E foi ele quem lhes permitiu triunfar desta forma. Portanto, Deus foi o responsável final, não os inimigos humanos.

E é isso que os versículos 1 a 8 queriam dizer quando Deus era o sujeito de todos aqueles verbos de destruição. E o versículo 17 explica a determinação de Deus no versículo 8. E assim, o versículo 17, que tem tantos ecos da parte anterior deste capítulo, é um esclarecimento da parte anterior do poema. Os versículos 18 a 22 estão todos relacionados à oração.

E nos versículos 8 e 19, ainda é o mentor falando e ainda falando com Sião. Mas agora ele incentiva Sião a fazer uma oração de lamento. E então, em 20 a 22, chegaremos à oração do próprio Sião.

Mas primeiro, no versículo 18, clama em voz alta ao Senhor, ó muro da filha de Sião. Há uma personificação do muro de Sião aqui. E esse muro destruído é chamado ao luto.

E isso está pegando o versículo 8, onde há uma personificação da muralha e do muro. Ele chama muralha e muro para lamentar. Eles definham juntos.

Mas eles não devem lamentar apenas em termos de lamentar a sua dor. Eles também devem agora se envolver em um lamento de oração. E então, pega o versículo 8 e diz, temos que ir além de um lamento fúnebre. E temos que passar para uma parede, e você tem que passar para um lamento de oração.

Mas à medida que avança, obviamente se refere à própria filha Sião. Deixe as lágrimas correrem como uma torrente dia e noite. Não dê trégua a si mesmo, não aos seus olhos, não dê descanso a si mesmo, não dê trégua aos seus olhos.

E assim, a oração irá à raiz do problema. E este é o versículo 19, este clamor ao Senhor é tão necessário. A oração irá à raiz do problema.

Relacionar-se-á com aquele que causou a dor. E então é ele quem consegue lidar com o problema, o próprio Deus. Deus é quem leva a dor.

E esse pesar deve ser expresso não apenas em palavras faladas, mas também emocionalmente, neste choro incontrolável, indefinidamente, como uma expressão de pesar. Mas então passamos para o aspecto da oração em 19. Levante-se e clame no meio da noite no início das vigílias.

As horas noturnas foram divididas em vários turnos. Esta é a primeira vigília da noite em que outras pessoas pensam em ir para a cama e adormecer. Bem, continue, continue chorando.

Derrame seu coração como água diante da presença do Senhor em sua oração. Levante suas mãos para ele pela vida de seus filhos. Então, olhando para trás, para quem desmaiou de fome no início de cada rua, olhando para trás, para aquela situação de fome durante o cerco e pegando a angústia do próprio mentor e dizendo, não só uma questão de tristeza, mas leve essa dor a Deus.

E esse levantar das mãos, foram as mãos, foi um gesto que reforçava as palavras da oração. Lá no capítulo 1 e versículo 12, havia esse apelo aos transeuntes, no versículo 17 do capítulo 1, o mentor descreveu Sião estendendo as mãos, mas esse apelo horizontal agora tinha que ser complementado com um apelo vertical e levantando as mãos para Deus. E ele pensa nessas crianças que morreram de fome durante o cerco, menos capazes de suportar a privação do que os adultos ao seu redor.

E então, de 20 a 22, Sião ora e funciona como modelo para a congregação. Este é o tipo de caminho que a congregação deve seguir. Eles também devem chegar ao ponto de lamentar, sim, mas também de levar a sua dor a Deus.

E dos 20 aos 22, temos cinco exemplos de sofrimento traumático. E podemos dar esta visão geral, em primeiro lugar, que no versículo 20, as mulheres deveriam comer os seus descendentes, os filhos que nascem? Isso será retomado no capítulo 4 e versículo 10 e desenvolvido mais. Mas o que aconteceu é que as crianças morreram, como já vimos neste capítulo, e o resto da família sem comida, eles próprios usavam esses cadáveres como alimento para sobreviver, o que é horrível de pensar. , mas era a única maneira de os outros sobreviverem.

Mas este é um exemplo de sofrimento traumático. E então, no final do versículo 20, deveriam o sacerdote e o profeta serem mortos no santuário do Senhor, como aconteceu na invasão de Jerusalém pelos babilônios? Neste duplo sacrilégio, líderes religiosos foram mortos e mortos no santuário. E então, no início de 21, o massacre geral de velhos e jovens, jovens e velhos estava caído no chão nas ruas.

E o quarto exemplo é o assassinato de homens e mulheres jovens, para que não pudessem viver o resto da sua vida natural. Minhas moças, meus rapazes caíram à espada. E por último, no final do versículo 22, pensando nas crianças, ninguém escapou ou sobreviveu quando as tropas babilônicas invadiram Jerusalém.

Aqueles que eu criei e criei, meu inimigo será destruído. E aquelas crianças que não morreram de fome foram mortas; muitos deles foram mortos por soldados inimigos após a queda da cidade. E então, este é o último exemplo trágico.

E assim, trazendo todo esse aspecto diferente do problema da destruição de Jerusalém, revelando o conteúdo traumático de tudo isso. E assim, começa no versículo 20. Olhe, ó Senhor, e considere, com quem você fez isso? E a questão é: como isso poderia ter acontecido com Jerusalém, a cidade de Deus, em uma relação especial com Deus? Esta reversão é demais para suportar, e Jerusalém, de todas as cidades, deveria ter sofrido desta forma.

Descobrimos nesta oração que existem duas maneiras diferentes de pensar. Há uma tensão que Sião está expressando aqui, e é uma tensão que a congregação deve sentir e trabalhar para superar. É um choque entre duas percepções contrastantes de sua tragédia.

Uma é a percepção de sua mente e a outra é a percepção de seus sentimentos viscerais. E antes de tudo, ela tem uma espécie de percepção cognitiva. Sim, ela é capaz de pensar racionalmente.

Sim, ela reconhece que Yahweh é responsável pela destruição. Está de acordo com a profecia pré-exílica de várias maneiras. E concorda com aquela intervenção divina negativa que lemos nos oráculos proféticos.

E então, em 21, aquela última seção, você os matou, massacrando. Você os matou, aquela intervenção negativa divina, como nos oráculos do desastre. E depois, dois, fica novamente do lado da profecia pré-exílica, ligando-se ao dia do Senhor.

Porque novamente, no versículo 21, no dia da sua ira, você os matou. E então em 22, o dia da ira do Senhor. Então, sim, novamente, há essa ligação com a profecia pré-exílica.

E então, voltando ao versículo 21, sem piedade, esta é uma nota pré-exílica que está sendo ecoada. E também em 20b, há algo que precisamos observar. E isso é uma referência a Deuteronômio.

Olhando para trás, para Deuteronômio, de fato, esta referência às mulheres comendo seus descendentes, literalmente o fruto de seu ventre. E isso também é extraído de Deuteronômio 28. E sendo assim, há uma confirmação da Torá do que aconteceu.

E assim, mentalmente, podemos perceber o que aconteceu e dizer amém. Mas também há uma percepção emocional. E isto também cria uma luta, a luta entre a mente e o coração.

Sião deve simultaneamente expressar a sua reação ao horror avassalador de uma crise que desafia as expectativas. E essas velhas expectativas não se concretizaram, mas foram terrivelmente substituídas por novos acontecimentos horríveis. E Zion está aqui repetindo o que aprendeu com o mentor.

E ela está rezando um resumo das duas reações dele no início deste poema. Houve uma percepção racional, uma percepção cognitiva em 1-8 e 17, uma intervenção divina negativa. O Senhor fez isso correspondente e farei isso nos oráculos proféticos.

E então o dia da sua ira no versículo um, sim, o dia do Senhor, o dia da ira do Senhor é Sofonias e Amós, como Sofonias disse. E então, sem piedade ou sem piedade, tal como os profetas tinham dito, sim. Sião foi além ao adicionar outra referência da Torá a Deuteronômio 28 no versículo 20, além daquelas adicionadas pelo mentor e pela própria Sião no capítulo um.

Mas então o mentor também teve uma percepção emocional com a qual não conseguia lidar. E isso foi no versículo 11. E levado adiante no versículo 13, vasta como o mar é a sua ruína.

E assim, o próprio mentor estava consciente desta tensão, deste desafio, desta luta entre racionalizar o que tinha acontecido, por um lado, e tentar lidar com isso emocionalmente, por outro. E o que Sião pode fazer? O que Sião deve fazer é levar essa luta a Deus em oração e ver o que acontecerá. Da próxima vez, estudaremos a primeira parte do capítulo três.

E quero que você leia atentamente os versículos de um a 16 do capítulo três de Lamentações.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a

sessão 5, Lamentações 2:1-22.